

O infinito está na selva do olhar,



Simone Alauk

Aluna do Curso de Filosofia da Universidade Mackenzie

Nesta janela pousa o silêncio do olhar na imensidão que se forma fora desta moldura tão certa. Este mar que muitas vezes foi puro estranhamento de si, hoje é um acesso, uma saudade.

A saudade de ser uma alma inteira. Um alma que ama. Dançando no escuro do salão deste barco. As tulipas tão brancas, o silêncio, interno movimento de ser, tão próximo, tão longe, navega contra o mar.

O escuro desfilando na mesma incerteza das incompletudes do olhar, o vazio, uma nota musical escoando a tortura dos corpos. Não há pausa na alma que não seja a ausência de si. O silêncio na certeza da sintonia musical formando os detalhes e os gestos no alcance deste lugar.

Não há nada mais intenso e duro do que o mergulho. Se as esferas da busca pelo sentir sempre foram postas em lugares inacessíveis, por que ousar por me a mergulhar?

Me afogo em camadas de abismos. Me perco em leituras inversas do mundo, onde o que posso ver, está preso dentro do que o meu olho é, e o meu sentir, passageiro desconhecido em mim, afoga neste mar cada instância que se pronuncia.

Solidão é ânsia do sentir na incapacidade de quem somos. Cada vez mais longe, as curvas internas e o movimento do mar, as entradas e saídas de luzes, as esferas opostas, o ruído do corpo vêm assinalar o tempo, este mergulho invade e não se declara, sua assinatura é a desordem.

O infinito está na selva do olhar. Esta janela antes tão firme, tão intacta a corresponder as preposições espaciais, parece estar agora nuveando na incerteza das possibilidades de ser. Esta janela que dá para o mar é o acesso das almas se opondo. Se mostrando nula a tentativa do mergulho, este

olhar tão doce, do outro lado, tão duro, correspondendo as decaídas remissões ausentes.

Por que navegar? Se não há no destino a passagem certa, se não há uma direção tão nítida, por quê seguimos? Finco o meu olhar sobre a imensidão do nada, deste mesmo nada, que se forma a vida, inteira, em cada detalhe, em cada cor, em cada encanto.

O infinito é a cor. É o ruído da alma na tentativa de ser. Mancharemos nossas mãos desalinhas, minhas roupas perderam a sua verdadeira preposição, não há nada de humano quando nossa lembrança já se faz eterna.

Esmorecemos nossas posturas, estamos a dançar nesse salão escuro, as janelas estão cobertas por silêncio e mar. Já não somos. Segure minha mão, olhe nos meus olhos, somente neste lugar me encontro.

Cores que vibram na ausência da própria cor, que nossos olhos tão incapazes, anulam. São sensações opostas numa luta de si. Por que me buscas no eterno pousar de suas janelas?

Sombras num desfile de passos, como a eternidade dançando com o que há de mais mortal no mundo. A vida. Não há nada mais belo do que ela, nada mais presente na alma do que o abismo que essa dança nos propõem.

Quando a linguagem assume a sua inteira planície. Consigo de maneira tão vulgar acompanhar seus movimentos, é o piano, o violino, a janela, o mar. A força quebra o vidro, e antes, no olhar era inundação, agora é o corpo inteiro.

Submersos num esquecimento de si, nadando na soltura do tempo, cada segundo expressivo, cada movimento, cada olhar, mãos que se tocam, olhares que se invadem, água que afunda em outra dança, o violino de fundo, os móveis

flutuando, cabelos arrepiados, pupilas severas, a verdadeira entrega.

Artistas começam a pintar esse quadro em todas as partes do mundo ao mesmo tempo. Texturas, curvas, linhas inteiras, nossa dança, somos nós, átomos desalinhados do universo. Somos nós a tentativa do acaso, a submersão das paredes internas do ser. Finalmente, pousamos aqui, na rebeldia da busca pela própria criação.

Quando ousou invadir e sentar nessa mesma mesa que se oponha a mim e lutar para não lançar-me as alturas deste prédio ao qual me coloquei, não há toque delicado, que na sua ausência, não se torna música.

Todos os nossos movimentos foram em busca da última esfera antes devorada. Quando a ânsia de ser é maior do que o medo de afundar cada poro do seu corpo na desordem do mar.

Todas as fileiras, todas as cadeiras, todas as inteiras mesas alinhadas perderam sua função de ser. Os artistas parecem estar todos a seu momento, desenhado as sombras ocultas do amor.

Não há alma que escape ao mar, não há sossego no silêncio, mas solidão e esquecimento de si. O infinito é ausência do olhar.